

O IMAGINÁRIO DA PAISAGEM NA POESIA DE EMILY DICKINSON

THE IMAGINARY LANDSCAPE IN EMILY
DICKINSON'S POETRY

Cristiane Pagoto

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná - Brasil, com período sanduíche na Universidade Nova de Lisboa - Portugal. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Paraná - Brasil.

E-mail: cris.pagoto@unespar.edu.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0932-8742>

Jordana Cristina Blos Veiga Xavier

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná - Brasil. Professora Adjunta na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Brasil.

E-mail: jorxavier08@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5846-2986>

Lívia Nunes Bittencourt Valeze

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Paraná - Brasil.

E-mail: srto.sweet.valeze@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5846-2986>

Resumo: O tema da paisagem surge como contraponto ao contexto urbano acelerado e ao isolamento digital, em que indivíduos frequentemente se distanciam tanto de suas conexões interpessoais quanto do mundo material e da paisagem que os circunda. Este artigo investiga a representação da paisagem na poesia de Emily Dickinson, buscando refletir sobre como a percepção da natureza pode oferecer uma alternativa a um viver fragmentado. Diante do desafio de observar e ouvir a natureza e suas regras autônomas, indagamos: seria possível encontrar nela um caminho para uma existência mais plena? A obra de Dickinson, marcada por uma contemplação sensível da paisagem, é analisada com base em um referencial teórico que inclui Michel Collot, Ida Ferreira Alves e Marcia M. Miguel Feitosa nos estudos da paisagem. Complementarmente, os textos de José Lira, Patrícia Ramos e Katherine Funke elucidam a poética da autora, enquanto Ailton Krenak permite aproximar sua obra dos dilemas contemporâneos. Os resultados revelam que a poesia de Dickinson valoriza tanto vastas paisagens quanto minúsculos e quase invisíveis detalhes, expressando um olhar atento e contemplativo. Num mundo acelerado e mercantilizado, onde a natureza também é explorada como produto, a leitura de Dickinson resiste a essa lógica superficial. Seus versos sugerem uma reconexão poética e imaginativa com a paisagem, oferecendo um convite à desaceleração e ao aprofundamento na relação com o ambiente natural.

Palavras-chave: Paisagem; Poesia, Emily Dickinson; Contemporaneidade; Imaginário.

Abstract: The theme of landscape emerges as a counterpoint to the fast-paced urban context and digital isolation, where individuals increasingly distance themselves from interpersonal connections and the material world, including the surrounding landscape. This article examines the representation of landscape in Emily Dickinson's poetry, reflecting on how perceiving nature might offer an alternative to fragmented living. Confronted with the challenge of observing and listening to nature and its autonomous rules, we ask: could it provide a path toward a more fulfilled existence? Dickinson's work, marked by her sensitive contemplation of landscapes, is analyzed through a theoretical framework that includes Michel Collot, Ida Ferreira Alves, and Marcia M. Miguel Feitosa in landscape studies. Additionally, the writings of José Lira, Patrícia Ramos, and Katherine Funke shed light on her poetics, while Ailton Krenak's insights bridge her work

with contemporary dilemmas. The findings show that Dickinson's poetry values both vast landscapes and minute, almost invisible details, expressing an attentive and contemplative gaze. In a world driven by speed and commercialization, where even nature becomes a commodity, reading Dickinson resists this superficial logic. Her verses propose a poetic and imaginative reconnection with the landscape, offering an invitation to slow down and deepen the relationship with the natural environment.

Keywords: Landscape; Poetry; Emily Dickinson; Contemporaneity; Imagination.

1 Introdução

O tema da paisagem parece contrapor-se ao mundo urbano, acelerado, recluso num universo digital, no qual as pessoas cada vez mais estão isoladas em suas casas, com seus celulares e outras telas. Não apenas isoladas umas das outras, mas também do mundo material e de suas paisagens. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo central uma investigação sobre o tema da paisagem presente na poesia da escritora norte-americana Emily Dickinson (1830-1886). O estudo expõe uma problemática diante deste estar no mundo isolado e virtual: como ver e ouvir a natureza, a paisagem circundante e apreender nelas, de suas regras internas que não seguem às leis humanas, um modo de viver mais pleno?

Um dos grandes pensadores brasileiros da atualidade, Ailton Krenak, reflete sobre como a humanidade se relaciona com a natureza. Ele observa que “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência de vida. [...] O tipo de humanidade *zumbi* que estamos sendo convocados a

integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida” (Krenak, 2020, p. 27, grifos nossos). O fim do mundo pregado pelos discursos sociais seria uma forma de fazer com que as pessoas desistissem de seus sonhos. O título do livro proposto por Krenak seria, assim, uma provocação, uma tentativa para adiar o fim do mundo contando “mais uma história”.

Nesse sentido, nós, as autoras, nos vimos estimuladas a retomar à leitura de uma autora que soube contemplar a natureza e a traduziu em seus versos. Emily Dickinson, que viveu na pequena cidade de Amherst, em Massachusetts, refugiando-se por vinte e cinco anos em sua casa, às vezes passeando em seu jardim, poetizou sobre a paisagem que a cercava. Talvez agora no século XXI, lendo seus versos, nós do leitorado brasileiro aprendamos a nos conectar com o mundo externo, a deixar de sermos “humanidade zumbi” para seguir adiando o fim do mundo.

Nos versos de Dickinson encontramos poemas sobre flores, animais, plantas, as estações do ano, as montanhas, dentre outros elementos que compunham a vista de onde morava. Mesmo reclusa em sua casa, vendo o mundo pela janela, a poeta não deixou de estar atenta à paisagem e, porque não dizer, à vida. No silêncio de seu isolamento não se afastou do mundo exterior, antes soube contemplá-lo e poetizá-lo como uma forma de religação com a natureza. Conforme os estudos de Katherine Funke (2020, p. 114), a poética dickinsoniana distancia-se da modernidade cartesiana e instaura um pensamento metafísico que não separa “– nem fisicamente nem metaforicamente – a planta do mundo que a

acolhe. Ela é a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo. Interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo”.

Ao contemplar a visão “estreita” de sua janela, o pequeno jardim por onde algumas vezes caminhava e cultivava o silêncio, Dickinson, talvez por isso, soube ver e ouvir o movimentar do mundo, das suas estações, do vento, das plantas. Nossa intenção é, pois, ler em seus versos e apreender neles um movimento poético que nos reconecta com a paisagem.

2 Materiais e métodos

Escrevemos este artigo, fruto de um projeto de iniciação científica, a partir de uma pesquisa bibliográfica e de análise textual. Como aporte teórico, para os estudos da paisagem, apoiamo-nos nos estudos de Michel Collot, em *Poética e Filosofia da Paisagem* (2013), no livro intitulado *Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos* (2013), das pesquisadoras Ida Ferreira Alves e Marcia M. Miguel Feitosa. Para apresentar a poesia de Dickinson foram realizadas inúmeras leituras de pesquisadoras e pesquisadores na área, a saber, os mais relevantes para nós, as contribuições de José Lira, Patrícia Ramos e Katherine Funke.

Realizada a primeira etapa da pesquisa, passamos à poesia de Dickinson, buscando selecionar poemas acerca da paisagem. Após esta seleção, apresentamos algumas leituras possíveis, sempre buscando investigar como os temas relacionados à paisagem dialogam com

a teoria. Nossa análise foi realizada levando-se em conta o potencial semântico e metafórico das palavras presentes nos poemas, pautando-se na tradução de José Lira, sem deixar de mencionar, quando necessário, uma leitura atualizada dos versos da autora, procurando ler sua poesia como representação poética do nosso mundo. Para relacionar a poesia dickinsoniana a experiências e dilemas vividos pela sociedade atual, trouxemos apontamentos de Ailton Krenak, do seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020).

3 Resultados e discussões

Como apontado anteriormente, Emily Dickinson nasceu e viveu toda a sua vida numa pequena cidade interiorana de Massachusetts. O isolamento e a solidão marcaram sua vida biográfica, porém através de sua poesia Emily soube ampliar o seu mundo e o do leitor, representando em seus versos uma paisagem ao mesmo tempo sublime e sombria, ampla e restrita, construindo uma poética do macro e do microcosmo.

Sua poética é marcadamente concisa e elíptica, paradoxal e transparente. Nas palavras de José Lira (2013, p. 21) “sua linguagem poética é quase sempre ambígua e obscura, muitas vezes hermética ou truncada, com uma ‘gramática’ própria, aberta às mais diversas interpretações” e sua poesia constituiu-se como uma espécie de “colcha de retalhos”, no sentido de que muitos de seus poemas são resultados de um intenso e demorado trabalho artístico e outros não passam de versos de ocasião ou “meros rascunhos”. Em todos eles,

sejam nos versos lenta e tecnicamente trabalhados ou naqueles escritos pela força do momento, há uma intensa e original força lírica.

É possível perceber que a paisagem da natureza, especialmente as alusões ao ciclo das estações, é recorrente, evidenciando aspectos subjetivos e imaginários. Tais imagens são descritas como um espetáculo solene e breve. Emily poetizava os grandes cenários primaveris, outonais ou frios, mas não se omitia de representar as miudezas da natureza, como a borboleta, o passarinho, ou a abelha. Consagrada como poeta da concisão e da brevidade, Emily conseguiu fixar em seus versos a fugacidade do tempo, da vida, da beleza e da morte por meio da paisagem.

A imagem, segundo Adalberto Müller (2015), está presente nos versos dickinsonianos de forma direta, como alusões aos pássaros, ao florir de uma flor, às borboletas, ou de forma indireta, como linguagem figurativa e metafórica, redefinindo paisagens e horizontes. Como observa José Lira:

A natureza exerce um grande fascínio também sobre Emily Dickinson, e é com certeza um dos temas mais recorrentes em sua obra. Mais de um terço de seus poemas abordam diretamente a natureza e suas manifestações. Ela ama os animais, especialmente as pequenas criaturas, como as abelhas e borboletas e também as aranhas, os grilos, as moscas e outros insetos, e até os morcegos têm lugar em sua poesia, junto com os pássaros de todo tipo (Lira, 2013, p. 183).

As recorrentes referências a elementos da natureza e a suas imagens revelam a presença na poética de Dickinson do

movimento literário conhecido como imagismo. Apesar de ser unânime que a autora esteve à margem das escolas literárias e mesmo afastada do convívio dos círculos poéticos, notamos a presença de características do imagismo, movimento artístico que exerceu forte influência na poesia de língua inglesa do início do século passado e tem, depois, em Ezra Pound seu grande idealizador. Interessante observar que Pound, como nota Lira (2004), estudou e traduziu a poética oriental, sobretudo o haikai, enfatizando entre os escritores modernistas do início do século XX o uso da brevidade poética e a valorização dos aspectos visuais, essencialmente ligados à natureza. “O poema imagista é caracterizado por uma linguagem concreta e exata, despida de generalizações ou digressões, que visa reproduzir a percepção direta de uma cena ou de um objeto” (Lira, 2004, p. 186). Também as literaturas grega, latina, hebraica e chinesa, divulgadas pelo simbolismo francês, exerceram larga influência em poetas de tendência imagista.

Percebemos que a poesia de Dickinson apresenta algumas características do movimento imagista, como a brevidade e concisão, e o apelo visual, sobretudo na representação da paisagem relacionada à natureza, às estações do ano, aos animais, às plantas e flores, ressaltando em sua maioria a união entre o simples e habitual e o que nele reside de místico e transcendental.

A paisagem será compreendida tanto como construção cultural quanto como interação entre sujeitos. Neste sentido, o texto literário será estudado como uma tríade

formada pelo sujeito, pelas palavras e pelo mundo e o espaço/paisagem compreendido tanto em seus aspectos territoriais (cidade, país, continente) como em seus aspectos simbólicos e imaginários (construções estéticas e culturais).

Nesta perspectiva, Alves (2013, p. 85), apoiando-se nos estudos de Collot, menciona que os dois horizontes do poema são as palavras e as coisas, o que nos leva a pensar sobre a referencialidade poética. Para o pesquisador francês, o referencial de um texto literário não é nem identifiante nem objetificante, mas sim “modificante e mundificante”. “Assim, o referente de um poema é um ‘universo imaginário’ que constitui uma versão singular do mundo, já que dependente de cada subjetividade” (Alves, 2013, p. 86). Por isso, não seria exagerado afirmar que a objetividade é que é uma ficção, enquanto o imaginário é um meio de conhecimento do real.

Por esta linha de estudo, lemos os poemas de Emily Dickinson sobre a natureza levando-se em conta o diálogo da poeta com o mundo, o seu espaço-vivência, pois como afirma Collot (2013, p. 206) a paisagem não é apenas habitada e sim *vivida*: “A busca ou a eleição de um horizonte privilegiado pode tornar-se, assim, uma forma de busca de si mesmo. Então, o fora testemunha para o dentro”. Neste sentido, o espaço exterior e o interior são intercomunicáveis: se a paisagem pode ser compreendida pela imagem de dentro também o interior está aberto a transformações graças ao olhar.

Se Dickinson pouco saía de sua janela ou de seu jardim, isto não significa que não soube ampliar a imagem de mundo que sua poesia revela. Começamos pela paisagem do jardim, ou mais especificamente, pelas flores. A poeta cultivava um profundo interesse por plantas, refletido no hábito constante de cuidar do jardim. Aos 14 anos, ela elaborou um catálogo com 66 páginas, onde organizou folhas e flores secas de 424 espécies coletadas no espaço familiar. Enquanto evitava interações sociais com desconhecidos, ela, por outro lado, dedicava atenção ao que se poderia chamar de a "mensagem das flores" (Funke, 2020, p. 114).

Vejamos o poema a seguir:

Florir – é um Fim – casualmente
Vendo uma Flor no campo
Talvez sequer alguém perceba
A sutil Circunstância
Que há na Lúcida Tarefa
A tal custo cumprida
Para se abrir qual Borboleta
Ao Sol do meio-dia –
Encher Botão – evitar Bicho –
O Orvalho obter bem cedo –
Expor-se à luz – fugir ao Vento –
Precaver-se da Abelha
E não frustrar a Natureza
Que nesse Dia a aguarda –
Ser uma Flor é uma profunda
Responsabilidade –
(Lira, 2008, p. 127).¹

Estamos diante da representação do imperceptível e invisível movimento do florir de uma Flor no campo, descritos como naturais, como parte de um ciclo da vida de uma planta, das regras que regem as leis

naturais e não humanas. A tradução em versos feita no poema pode ensinar às pessoas um fruir no tempo, uma calma e serenidade com as leis da própria vida. Todo o florir de uma Flor é descrito como uma “Lúcida Tarefa”, como espécie de destino ou como missão, por isso a sua “profunda responsabilidade”. Conforme Funke (2020, p. 114):

a responsabilidade profunda de ser flor para Dickinson, assim como para Coccia, compreender o papel das flores na manutenção da vida das plantas, bem como na comunicação entre seres vivos de espécies e mesmo reinos diferentes (posto que as flores alimentam e dependem da ação de polinizadores) pode trazer contribuições a diversos campos do conhecimento, não só à campo dos estudos botânicos ou biológicos.

Nesse sentido, consideramos que a contribuição venha pela sugestão da “profunda Responsabilidade” de uma simples Flor e do seu movimento poderoso que ensina a quem consegue parar, ver e sentir o seu florir, deixar de ser “humanidade zumbi”. O poema, portanto, pode ser lido como uma forma de resistência ao olhar mecanizado sob a paisagem que é, também, um olhar diminutivo de subjetividades. Perceber um dos pequenos movimentos da natureza, que é o florir ao meio-dia, amplia o horizonte existencial – é “mundificante” nas palavras de Collot citadas acima –, enriquece nossa subjetividade, algo que nossa sociedade capitalista quer consumir. Pois segundo Krenak: “Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas

¹ Todas as citações dos poemas traduzidos de Emily Dickinson são da edição de José Lira, a qual utilizamos, por isso a referência ao autor-tradutor.

subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado [...] vamos ser capazes de manter nossas poéticas sobre a existência” (2020, p. 33).

É assim, pensando numa leitura mais atualizada da poesia de Dickinson, que podemos relacionar a “Terra devastada”, descrita a seguir, com o mundo dotado de uma visão consumidora e vazia da natureza e da paisagem. Vejamos:

Num Pedaco de Terra devastada
Eu quis Flores colher –
E agora vejo em meu Jardim de Pedra
Uva e Milho crescer –
O Solo Duro se lavrado a jeito
Nos recompensará –
A Semente da Palma ao sol da Líbia
É na areia que dá –
(Lira, 2008, p. 209)

Se toda uma sociedade perdeu sua reconexão com a natureza, o eu lírico parece ir na contramão deste posicionamento, pois quer “Flores colher”, e mesmo diante um mundo resistente – o “Jardim de Pedra” – é possível brotar “Uva e Milho”. Há toda uma positividade, e até mesmo um posicionamento religioso que permeia o poema: a imagem do “Solo Duro” se trabalhado com jeito pode produzir sementes e frutos. Mas a religiosidade em Dickinson é problemática, pois ela não segue de maneira ortodoxa os preceitos cristãos preconizados por sua família, no entanto a questão espiritual atravessa seus poemas, uma religiosidade expressa em seus versos distante do dogmatismo e próxima do transcendental e da metafísica.

Vejamos outro poema da autora representativo da natureza e da grandiosidade dos pequenos gestos:

Ninguém conhece esta Rosa
Podia estar perdida –
Se eu não fosse até a estrada
Trazê-la para ti.
Só a Abelha e a Borboleta
Sentirão sua falta
Quando em viagem vierem
No seu seio pousar –
Só a Brisa e os Beija-flores
Vão chorar a surpresa –
Ah, para ti, Linda Rosa,
É tão fácil morrer!
(Lira, 2008, p. 149).

A contemplação atenta da paisagem está descrita no poema, como um olhar atento para as miudezas do espaço. A Rosa que ninguém vê ou dá importância, a não ser outros seres pequeninos, como a Abelha e a Borboleta, é colhida pelo eu lírico e ofertada ao olhar daqueles que não veem. O poema acima opõe-se ao pensamento dominante da nossa sociedade atual que é “especialista em criar ausências”, conforme preconiza Krenak (2020, p. 26): “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar”. Talvez por isso, a poesia de Dickinson demorou para receber uma leitura justa.

Outra paisagem recorrente na poética de Dickinson são as estações do ano que, em muitos de seus poemas, relacionam-se a imagens da morte ou a do paraíso. Exemplo desta representação está no poema seguinte:

Há uma Zona onde os Anos são iguais e nunca
O Solstício perturbam –
Perfeitas Estações demoram-se – é perpétuo
O Sol do Meio-dia –
O Verão no Verão começa – até que acabam
Os Séculos de Junho
E os Séculos de Agosto – e a Consciência
É o Meio-dia.
(Lira, 2008, p. 124).

As palavras escritas em maiúsculas são recorrentes nos versos de Dickinson e no poema acima a palavra “Zona” chama a atenção do leitor porque remete a um universo imaginário conhecido: o paraíso. Tal paisagem está, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 685) associada a uma “primavera e uma claridade eternas” e é a este imaginário que a poeta faz alusão ao se referir às “Perfeitas Estações, onde é “Perpétuo/O Sol do Meio-dia –”. É sempre sol no paraíso e nele perdura uma estação eterna e perfeita, um verão infinito que recomeça incessantemente. O tempo é abolido e nesta atmosfera “a Consciência” também alcança o meio-dia. Aqui é possível perceber que a paisagem-pensamento promove um novo estar no mundo, como afirma Collot (2013, p. 30): “A paisagem implica um sujeito que não reside mais em si mesmo, mas se abre para o fora. Ela dá argumentos para uma redefinição da subjetividade humana, não mais com substância autônoma, mas como relação”. Desta forma, a paisagem não apenas permite ver, como também a “sentir e a ressentir”.

Também neste poema breve traduzido por Lira (2008), “Se abolíssemos o Gelo / Seria sempre Verão / Se as estações morrem ou ficam / Para nós é opção”, a ideia de um verão eterno faz-se presente. Porém, não é apenas de

uma estação ligada ao tempo e à natureza que Dickinson está a se referir, como também de uma estação em nós, em nossa subjetividade e em nossa identidade. Se a subjetividade se dá como relação entre o eu e a paisagem, então o verão eterno seria uma experiência que resumiria o fora e o dentro, uma espécie de projeção de um lançar-se no mundo como um “*ek-sistere* fora de si”, o que Collot (2013) designa de *espaçamento*: a projeção na paisagem do eu como condição de sua existência.

O paraíso em Dickinson também pode ser representado por uma imagem familiar e íntima, como o lar doméstico, como é perceptível no poema seguinte:

O Éden é aquela velha Casa
Que ocupamos na vida
E não se dá por residência
Até nossa partida.
Tão belo o Dia, na lembrança,
Que da Porta nos vamos –
Sem darmos conta do retorno
Nunca mais a achamos
(Lira, 2008, p. 145).

O paraíso surge representado como uma “velha Casa”, mas a tomada de consciência de que ela é um “Éden” apenas acontece no momento da partida ou da falta. Um pensamento que parece lembrar a ideia de nostalgia de paraíso, conforme Mircea Eliade, que se instaurou na cultura:

As obras de arte e dos sonhos, os do sono assim como os da vigília, sejam espontâneos ou sejam provocados por drogas, são cheios de representações inspiradas nisso que se chamou a *nostalgia do Paraíso*. Por isso nós entendemos o desejo de nos encontrarmos *sempre e sem esforços* no coração do mundo da realidade e da

sacralidade, e em suma, o desejo de superar de uma maneira natural a condição humana e de recuperar a condição divina; um cristão diria: a condição anterior à queda. Um mago moderno, olhando para o futuro mais que o passado diria: a condição sobre-humana (Chevalier; Gheerbrant, 2009, p. 685, grifos dos autores).

A nostalgia do Paraíso está representada pela imagem da “velha Casa” – *Casa* grafada com maiúscula para sugerir uma paisagem universalizante e metafórica. A condição anterior à queda ou expulsão do paraíso está implícita na ideia de residência e do retorno impossível, ficando, pois, a nostalgia apenas. Apenas a morte, “o belo Dia”, como citado no poema, poderá dar algum conforto e aniquilar o sentimento de nostalgia perdida.

No poema abaixo, “a Casa” agora aparece como ponto de encontro com a Morte:

Enfim chegou a Morte
Já ocupara a Casa
Dera-lhe a pálida Mobília
E a metálica Paz
Oh se fiel como a Frieza
Tivesse o Amor chegado
Para o Prazer obstruir a Porta
E ninguém mais entrar.
(Lira, 2008, p. 52)

A Morte invade a casa, antes lugar emblemático e imagético do Paraíso, e reveste tudo de palidez e Paz. Vale lembrar que a morte é uma imagem bastante recorrente na poética da autora e, quase sempre, associada a elementos positivos – “A morte é, sem dúvida, um dos motivos centrais de sua poesia, e para muitos é a força dominante, mas está quase sempre interrelacionada com outros temas: a fé e a dor, por exemplo, ou a vida e a natureza,

como se pode ver em vários poemas”, como afirma José Lira (2013, p. 23).

O termo que abre o poema, “Enfim”, parece anunciar o término da espera, uma espera tal qual o poema “Consoada” de Manuel Bandeira retrata. E embora na segunda estrofe a morte esteja representada pela “Frieza”, não faz pensar em negatividade ou medo, mas num momento ansioso e esperado como se espera “o Amor”. De espera à frieza, a morte é como quase tudo na poesia de Dickinson um paradoxo, como observa Augusto de Campos, um de seus melhores e fiéis leitores e tradutores no Brasil:

Tudo em Emily é paradoxo. [...] Cruzam-se em sua poesia os traços de um panteísmo espiritualizado, de uma solidão-solitude, ora serena ora desesperada, e de uma visão abismal do universo e do ser humano. Micro e macrocosmo compactados em aforismos poéticos. Da observação da natureza, em suas mais humildes manifestações, ela consegue ascender às perguntas sem resposta da vida e da morte e do amor (ainda que recessivo e sublimado) em seus epigramas-enigmas conceituais. Temas que percorreram a poesia de todos os tempos, mas assimilados aqui num idioleto de rara beleza. Sua geografia imaginária não tem limites (Campos *apud* Dickinson, 2008, p. 19).

Outro poema da autora versa sobre esta mesma temática: “A cova é pequenina casa/ Na qual a te ‘esperar’/ Fiz chá de mármore na sala/ E arrumei o lugar” (Lira, 2008, p. 47). A espera da morte, a preparação do chá e a arrumação da casa referem-se a uma visita desejada e inevitável.

Portanto, a paisagem presente na poética de Dickinson não se resume apenas à reconfiguração dos seus lugares conhecidos,

vivos e afetivos. Não se trata de representar os referentes geográficos e biográficos, mas uma construção resultante da reelaboração pela palavra poética e do imaginário. Ainda que o olhar subjetivo da poeta esteja presente ao ver e sentir a paisagem, esta também está situada num espaço e tempo coletivos. Por isso, ao ler os versos de Dickinson, uma constelação de significados surge na expressão da paisagem.

4 Considerações Finais

Os resultados obtidos durante a realização desta pesquisa demonstram que a paisagem, seja ela representada por flores, jardim, animais, casa, é um *leitmotiv* da poética dickinsoniana. Muitas vezes os poemas que tratam da paisagem e sua relação com o eu lírico expressam um olhar atento tanto para as grandes paisagens e espaços, como para as pequenas e quase invisíveis imagens. Diante de um mundo que prima pela velocidade e que por causa disso apreende tudo de forma fugaz e superficial, ler a poesia de Dickinson é uma forma de resistir ao mundo capitalista neoliberal que comercializa tudo, inclusive a natureza. Ao comercializar tudo aquilo que está em seu entorno, também transforma as identidades e subjetividades em mercadoria.

Por isso, ler os versos da poeta estadunidense atualmente pode provocar no leitor uma abertura para uma nova forma de ver e estar no mundo, uma relação com o visível e o invisível, o exterior e o interior, uma relação mais verdadeira e plena. Se estamos vivendo na era conhecida como antropocena,

uma realidade tão pesada que marca um momento histórico, precisamos olhar para a paisagem e o mundo circundante, incluindo aí o outro, e não apenas olhar, mas *parar* e *ver* na paisagem aquilo que ela tem de poético e transcendental. Quando destituímos a paisagem de significado, de presença, de espiritualidade, estamos aptos a considerá-la como mercadoria, como atividade industrial e extrativista. Religar-se e reconectar-se com a natureza em tempos de graves ameaças ao meio ambiente, pode ser resistir, algo que a poesia de Dickinson nos ensina. Sua poesia representa de modo objetivo a paisagem, sem deixar, contudo, de recuperar e reinstaurar sua aura contemplativa e mística, mostrando ao leitor que as imagens mais simples e humildes estão repletas de mistério e encantamento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia M. Miguel (Org.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. 2. ed. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2013.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 32. ed. Tradução de Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução de Ida Ferreira Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia M. Miguel (Org.). **Literatura e**

paisagem: perspectivas e diálogos. 2. ed. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2013, p. 191-2018.

DICKINSON, Emily. **Emily Dickinson não sou ninguém**. Tradução de Augusto de Campos. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

FUNKE, Katherine. **O recado de Emily Dickinson**. Revista Landa, v. 8, n. 2, p. 112-132, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIRA, José. **Emily Dickinson e a poética da brevidade:** do haicai ao imagismo. Leitura, v. 1, n. 34, p. 175-193, jul./dez, 2004.

LIRA, José. **Alguns poemas:** Emily Dickinson. Trad. José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MÜLLER, Adalberto. Emily Dickinson: Imagem, Ritmo, Pensamento. **Revista Cult**, 2015. Disponível:

<https://revistacult.uol.com.br/home/emily-dickinson-imagem-ritmo-pensamento>.

Acessado em: 02/09/2022.

RAMOS, Patricia de Lara. **Imagens poéticas e representações da morte na lírica de Emily Dickinson e de Helena Kolody:** convergências e contrastes. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR: UNIOESTE, 2014.